



# GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

## EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos ao público o presente número da Revista Guairacá, contendo o dossiê “Gênero, Ciência e Filosofia”, reunindo textos provenientes da XXª Semana de Filosofia e XIIIª Semana PET-Filosofia da Unicentro, realizada no campus Santa Cruz da Unicentro, em Guarapuava, de 25 a 29 de novembro de 2024, bem como artigos de fluxo contínuo.

Para tratar do tema proposto, a XXª Semana de Filosofia e XIIIª Semana PET-Filosofia da Unicentro reuniu pesquisadoras não apenas da área de Filosofia, mas também das áreas de Administração, História, Serviço Social, Ciências Biológicas, Química e Física. Esta diversidade se reflete parcialmente no presente dossiê, o qual conta com seis textos, sendo cinco artigos científicos filosóficos, tratando de debates em epistemologia, filosofia da ciência e da tecnologia, metafilosofia, filosofia do ensino de filosofia, filosofia política e teoria crítica, e dialogando com autores como Donna Haraway, Sueli Carneiro, Miranda Fricker, Sojourner Truth, Angela Davis, bell hooks, Judith Butler, Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Axel Honneth e Hegel, bem como uma análise pioneira acerca da presença das mulheres docentes na área de Filosofia no Sistema de Ensino superior do Estado do Paraná, realizada a três mãos.

Os debates relativos ao gênero são não apenas altamente relevantes para o estado atual da Filosofia enquanto área do conhecimento – tendo eles influenciado decisivamente, na história recente, os próprios rumos de disciplinas filosóficas como a ética ou a epistemologia, além de constituírem um eixo central da reflexão metafilosófica e autocrítica sobre o cânone filosófico –, mas importantes e necessários

para o enfrentamento de problemas sociais prementes como a violência de gênero, que aflige hoje a maioria das sociedades contemporâneas de maneira especialmente dramática, o Brasil tendo registrado em 2025 recorde histórico de feminicídios.

Os motivos pelos quais os debates sobre a desigualdade de gênero são importantes são lembrados pela autora cuja contribuição abre o nosso número, Maria Helena Soares, que inicia seu texto **“Olhares situados, saberes localizados: objetividade e ensino de Filosofia à luz de Haraway”** com uma breve e oportuna análise do histórico de legislações relativas ao gênero no Brasil, em diálogo com as teorias da injustiça epistêmica de Miranda Fricker e do epistemicídio de Sueli Carneiro. A autora se propõe a refletir sobre o ensino de Filosofia à luz da crítica feminista da objetividade de Donna Haraway, principalmente a partir da metáfora da visão em *Saberes localizados* (1995). Ela mostra como em Haraway referida crítica é acompanhada da defesa de uma concepção de objetividade corporificada e situada, que afasta, ao mesmo tempo, o relativismo radical, assim como de uma ética. Em sua reflexão sobre o ensino de filosofia, Maria Helena Soares (que também é autora de livros didáticos de Filosofia) parte da análise da relação entre Filosofia e história da Filosofia e do caráter situado das histórias da filosofia para tratar do problema da exclusão de conhecimentos não eurocentrados do cânone filosófico.

Também trabalhando com Donna Haraway, no segundo artigo do presente dossiê, **“Donna Haraway: entre organismos e máquinas”**, Débora Aymoré estabelece uma instigante interlocução entre o pensamento de Haraway, sobretudo em *Manifesto ciborgue* (1985) e o de outros pensadores, sobretudo Georges Canguilhem, com vistas a refletir sobre o significado social que atribuímos às máquinas e aos organismos e elaborar uma análise crítica sobre a nossa condição contemporânea marcada pelo esmaecimento das fronteiras entre ambos. A autora foca na análise harawayana sobre a relação entre máquinas e organismos, inserindo-a no contexto das categorias econômicas de trabalho, produção e reprodução. Sob essa ótica, tais relações são lidas como reflexos das estruturas desiguais de poder perpetuadas pelo sistema patriarcal. Para aprofundar a discussão, Aymoré utiliza a perspectiva de Canguilhem sobre como a máquina tornou-se o modelo de entendimento do organismo, pontuando convergências e contrastes conceituais, como entre os conceitos de Haraway de ciborgue e de Canguilhem de *organog*. Além disso, o texto incorpora as reflexões de Norbert Elias acerca da vulnerabilidade humana para discutir o significado social que atribuímos ao biológico e ao técnico.

Já no artigo **“O que significa habitar a verdade: Sojourner Truth e as margens epistemológicas da corporeidade”**, a atual presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) **Janyne Sattler** oferece uma poderosa reflexão sobre os processos de descrédito epistêmico e de exclusão epistêmica e filosófica a partir da biografia da pensadora estadunidense Sojourner

Truth, nascida escravizada em 1797 e posteriormente liberta. É a partir da análise do relato do famoso discurso de Truth na Convenção de Akron que Sattler investiga como o corpo se constitui como elemento central do sujeito epistêmico. A autora evidencia uma profunda assimetria na recepção de discursos, na qual a autoridade do homem branco é naturalizada como racional e benevolente, enquanto o testemunho de pessoas negras e ex-escravizadas é lançado no que Sattler denomina um *labirinto cético epistêmico*. Sob a lente da teoria da injustiça epistêmica de Miranda Fricker, ela analisa como a credibilidade do sujeito negro foi historicamente condicionada à legitimação de terceiros — como os prefácios de homens e mulheres brancos que serviam como “atestados de caráter” para validar relatos autobiográficos e combater a desautorização que frequentemente relegava a verdade negra ao campo da ficção. Nesse contexto de suspeição estrutural, Truth emerge como uma figura que leva a busca pela veracidade ao campo da performance e da corporeidade. Sua própria autonegação não é apenas uma escolha simbólica, mas um argumento político pela justiça; ela “habita a verdade” ao oferecer um testemunho que é indissociável de sua presença física e de suas ações, enquanto a tomada da palavra e o desejo de letramento são vistos como atos contra-hegemônicos (nos termos de bell hooks).

Em “**O materialismo de Hegel e Butler**”, Polyana Tidre e Teresa Camilo Fonseca articulam as filosofias de Hegel e Butler sob a perspectiva de um “materialismo sofisticado”, combatendo a ideia de essências humanas fixas ou naturezas originárias. Em vez de identidades imutáveis, ambos os autores defendem que o sujeito é fruto de mediações históricas e sociais. Em Hegel, isso se manifesta na crítica à imediatez e na compreensão do “trabalho” como o processo pelo qual a subjetividade se concretiza e se transforma em relação ao mundo. Em Butler, essa lógica fundamenta a crítica à “metafísica da substância”, definindo o gênero não como um atributo natural, mas como uma construção performática e socialmente sedimentada. Ao aproximar a dialética hegeliana da teoria social de Butler, o texto conclui que o corpo não é uma fatalidade biológica, mas uma materialização contínua. Essa perspectiva permite desnaturalizar normas excludentes e investigar como o sistema de gênero protege estruturas de produção capitalistas.

No artigo “**Injustiça epistêmica e teoria do reconhecimento: comparando dois modelos teóricos**”, Patrícia Riffel de Almeida propõe uma aproximação incomum entre teorias que, embora tratem de fenômenos similares, pertencem a tradições distintas: a teoria do reconhecimento social de Axel Honneth e a epistemologia social crítica de Miranda Fricker. A autora utiliza como ponto de partida a análise do próprio Honneth (2023) sobre o tema, na qual o filósofo aponta divergências profundas entre os dois modelos. O texto estrutura-se em uma introdução às obras fundamentais dos autores — *Luta por reconhecimento*, de Honneth, e *Injustiça epistêmica*, de Fricker — para, em seguida, analisar criticamente a leitura de Honneth. Por fim, a pesquisa dialoga com a literatura internacional para

refletir sobre como esses dois aparatos conceituais podem se complementar ou se tensionar no diagnóstico dos conflitos sociais.

Finalmente, encerra o dossiê o estudo **“Mulheres na Filosofia: reflexões e evidências da realidade das universidades estaduais paranaenses”**, em que as autoras **Roseli Machado** (DEADM/Unicentro), **Luciana Klanovicz** (DEHIS/Unicentro) e **Patrícia Riffel de Almeida** (DEFIL/Unicentro) apresentam e analisam um estudo pioneiro acerca da presença das mulheres docentes na área de Filosofia no Sistema de Ensino superior do Estado do Paraná. O estudo analisa o perfil das filósofas nas universidades estaduais do Paraná, investigando como as desigualdades na produção científica, orientação e prestígio replicam padrões de gênero da carreira acadêmica. A pesquisa conecta dados locais à literatura da área para evidenciar as barreiras estruturais na trajetória dessas docentes.

Além do dossiê temático, este número da *Revista Guairacá* reúne também artigos de fluxo contínuo que abordam diferentes tradições filosóficas e problemáticas contemporâneas, ampliando o escopo das discussões aqui apresentadas.

No artigo **“Teleologismo, eudaimonia e phrónêsis em Aristóteles”**, Peterson Roberto Silva investiga a relação entre finalidade (telos), felicidade (eudaimonia) e prudência (phrónêsis) na ética aristotélica, a partir de uma análise da *Ética a Nicômaco*. O autor evidencia o papel central da phrónêsis como virtude dianoética responsável por orientar a deliberação prática, permitindo ao agente moral distinguir entre bens aparentes e bens verdadeiros. Ao enfatizar a racionalidade prática como condição para a realização humana, o texto contribui para uma compreensão mais refinada da estrutura teleológica da ética de Aristóteles.

Em **“O que é bom para os animais? Reconciliando preferencialismo e perfeccionismo”**, Gabriel Panisson dos Santos propõe uma solução original para os limites da teoria preferencialista do bem-estar animal. Ao apontar as dificuldades de se considerar como válidas todas as preferências dos animais — inclusive aquelas potencialmente prejudiciais —, o autor sugere a incorporação de elementos de uma perspectiva perfeccionista, inspirada na tradição aristotélica. Com isso, articula interesses subjetivos e critérios objetivos ligados ao funcionamento e às capacidades próprias dos seres vivos, oferecendo uma abordagem mais robusta para o debate em ética animal.

O artigo **“Os aforismos lacanianos em torno da angústia no Seminário 10: algumas considerações”**, de Clea Maria Ballao, examina o uso de aforismos na elaboração teórica de Jacques Lacan, com foco no Seminário 10. A autora analisa proposições centrais acerca da angústia, como *“a angústia é o afeto que não engana”* e *“a angústia não é sem objeto”*, destacando sua função como operadores conceituais na articulação entre teoria e prática clínica. O estudo ressalta a importância de

compreender tais formulações no interior do sistema conceitual lacaniano, evitando leituras descontextualizadas.

Este número inclui ainda a tradução do artigo **“Algumas observações sobre a forma lógica”**, de Ludwig Wittgenstein, realizada por Daniel Perico Graciano. Trata-se de um texto de relevância singular, por situar-se em um momento de transição no pensamento do autor, dialogando criticamente com a teoria pictórica apresentada no *Tractatus Logico-Philosophicus*, especialmente em resposta às críticas de Frank P. Ramsey. A tradução contribui significativamente para o acesso a esse importante documento no contexto da filosofia analítica.

Por fim, o volume apresenta a resenha de Natan Santos Mello sobre a obra **“Uma breve introdução à ética animal: desde as questões clássicas até o que vem sendo discutido atualmente”**, de Luciano Carlos Cunha. A resenha destaca o caráter didático e abrangente do livro, que percorre desde os fundamentos clássicos da ética animal até os debates contemporâneos, constituindo-se como uma relevante porta de entrada para estudantes e pesquisadores interessados no tema.

Com essa diversidade de contribuições, que atravessam desde a filosofia clássica até discussões contemporâneas em ética, psicanálise e filosofia da linguagem, este número reafirma o compromisso da *Revista Guairacá* com a promoção de um espaço plural e qualificado de reflexão filosófica, aberto ao diálogo entre diferentes perspectivas teóricas e campos de investigação.

Gostaríamos de deixar registrado aqui o nosso agradecimento às autoras que contribuíram para este dossiê e também às demais pesquisadoras que participaram do evento, embora não tenham submetido o texto para publicação.

Desejamos a todas e a todos uma ótima leitura.

Os editores,

Gilmar Evandro Szczepanik

Patrícia Riffel de Almeida